

A literatura de viagem como fonte da história social

Livros de Viagem (1803-1900)

LEITE, Miriam Litchitz Moreira

Rio de Janeiro: UFRJ, 1997

Livros de Viagem deve ser lido em conjunto com os outros livros de Miriam Moreira Leite, pesquisadora nas áreas da literatura de viagem e de história das mulheres. Os artigos que compõem o livro vêm sendo elaborados ao longo dos últimos dez anos, como subprodutos de uma ampla pesquisa que a autora vem desenvolvendo, vinculada a várias instituições, como o Setor de Documentação do Departamento de História da USP e a Fundação Carlos Chagas. O volume complementa e aprofunda questões que vêm sendo discutidas em trabalhos anteriores — em torno de história da mulher, instituição familiar, infância e relação entre iconografia e construção da memória. A esse universo analítico a autora acrescenta agora o tema do viajante naturalista. Mais do que uma análise interna de textos — em termos literários, semânticos ou ideológicos —, Miriam Moreira Leite faz uma análise intertextual, procurando localizar as matrizes de imagens e preconceitos que se fixaram profundamente em nossas certezas sobre a sociedade brasileira do século XIX — além de fornecer valiosas informações históricas sobre escritos de viagem.

Outra preocupação importante de Miriam Moreira Leite é confrontar as imagens vulgarizadas pela literatura a respeito das mulheres e da família brasileiras da época, com novas produções de história da sociedade brasileira, que vêm revelando a existência de uma complexidade de papéis sociais e situações que jogam por terra muitas das 'verdades' da literatura de viagem. A proposta não é desqualificar a literatura de viagem, mas construir instrumentos que possibilitem utilizá-la como uma fonte que, embora limitada, é valiosa para o estudo da história social da mulher e da família. Neste livro, um dos temas de maior interesse é a apresentação

da literatura de viagem produzida por mulheres, ainda muito pouco conhecida.

No capítulo introdutório Miriam Moreira Leite afirma que seu objetivo é focar o viajante estrangeiro como alguém que, devido ao deslocamento e ao desconhecimento de hábitos e práticas sociais arraigadas no meio social que visita, estaria em melhores condições de perceber e registrar aspectos da sociedade brasileira que muitas vezes parecem 'naturais' aos nativos. Ela propõe uma série de fatores discriminativos para a utilização crítica da literatura de viagem como fonte primária da história social do Brasil.

No universo da literatura de viagem do século XIX, a autora localizou 80 livros, analisando-os sob diferentes ângulos, perseguindo sobretudo temas relacionados à história das mulheres. Entre os aspectos importantes deste estudo estão a delimitação do universo das mulheres viajantes e a análise das reflexões que elas fazem a respeito das mulheres do Rio de Janeiro do século XIX.

A consideração dos escritos de viagem produzidos por mulheres sugere uma inserção, no panorama da literatura de viagem, do olhar feminino caracterizado por uma certa espontaneidade, uma atitude menos formalista e analítica. Ao se colocar às margens do saber tradicionalmente monopolizado pelos homens, seus maridos e companheiros, os quais a maioria acompanhava, essas escritoras se deram a liberdade de registrar suas opiniões pessoais, geralmente em cartas e diários, o que valoriza seus escritos como fontes de história social.

Conforme aponta Miriam Moreira Leite, supunha-se que as escritoras poderiam contribuir duplamente para a história das mulheres. Por um lado, ao descreverem as especificidades da sociedade local, as viajantes estariam apontando características que escapavam aos homens, pois considerava-se o olhar feminino mais centrado no casamento e na família, e portanto mais sensível aos aspectos 'invisíveis' ou informais da sociedade e ao papel nela desempenhado pelas mulheres. Por outro lado, a observação das características exteriores à sociedade visitada seria produto da comparação com

aquelas já habituais às viajantes, o que corresponderia a uma visão interna da condição feminina.

Na realidade, porém, os escassos cinco livros de viagens produzidos por mulheres que Miriam Moreira Leite conseguiu localizar para a primeira metade do século XIX não apresentam peculiaridades significativas com relação à abordagem desses temas. Não foram encontradas reflexões que conscientemente enfocassem a condição social das mulheres da sociedade visitada ou as limitações e dificuldades das próprias viajantes. No entanto a vida aventureira dessas mulheres, viajantes e escritoras, que se dispunham a enfrentar o alto mar em veleiros precários, expostas ao ataque de piratas, além do enorme desconforto dos ermos territórios tropicais percorridos pelos maridos, oferecem subsídios valiosos para a compreensão da história das mulheres no período.

No capítulo 'A dupla documentação sobre mulheres nos livros de viajantes (1800-1850)', a autora apresenta dados originais e analisa a biografia de autoras viajantes como Rose de Freycinet (1817-1820), Maria Graham (1821-1824), Langlet Dufresnoy (1837-1839), Baronesa de Langsdorff (1824-1843) e Ida Pfeiffer (1846), recontando as aventuras e dificuldades por elas vividas e apresentando passagens preciosas de seus escritos, praticamente desconhecidos.

Rose de Freycinet, por exemplo, participou, aos 23 anos, como esposa do capitão do navio Uranie, da circunavegação da terra, realizada entre 1817 e 1820. Ela partiu "sem avisar a família, nas trevas da noite, após cortar os cabelos e vestir-se de marinho". No decorrer da viagem, isolada e angustiada por um sem número de dificuldades, Rose, a pedido da prima, redigiu um diário, que foi publicado apenas em 1927, 95 anos depois de sua morte, sob o título *Journal du Madame Rose de Saules de Freycinet d'après le manuscrit original accompagné de notes par Charles Duplomb*. No diário estão registradas cenas vividas pela autora nos seis meses em que permaneceu no Brasil, com observações sobre a vida social e familiar do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX, tais como:

Uma nobre portuguesa, que acabara de aceitar os serviços de uma criada francesa, quase a despediu porque esta lhe apresentou uma salva para lavar as mãos. Indignada, disse-lhe que uma pessoa de sua qualidade nunca precisava lavar as mãos, porque jamais tocava em coisas impuras e que lavar as mãos era [um gesto] para o povo e para os criados!

Outra viajante enfocada por Miriam Moreira

Leite, e cuja trajetória pessoal fugia aos padrões femininos da época, é Ida Pfeiffer, que aventurou-se nas viagens já aos 47 anos, viúva, percorrendo a terra duas vezes consecutivas, por puro gosto pelas viagens e 'só, por si mesma', como ela própria afirmou em *Voyage d'une femme autour du monde*, livro publicado na França em 1858. No entanto, Ida Pfeiffer não integrou a audácia de sua vida pessoal aos seus escritos. Observando as diferenças entre a educação e a inteligência de brancos e negros, e a superioridade numérica dos últimos no Rio de Janeiro, declarou: "a mulher não tem suficiente capacidade para julgar estas questões: não estão ao seu alcance".

Conforme percebe Miriam Moreira Leite, o gênero e a condição social das autoras condicionavam seus escritos e limitavam o alcance de suas observações. Essa situação, porém, não é exclusividade da literatura de viagem escrita por mulheres, como a própria autora também percebe, apontando para as dificuldades vividas por todos os estrangeiros ao descrever a realidade da sociedade colonial e escravista brasileira. Uma das dificuldades mais corriqueiras era a descrição das condições jurídicas dos tipos sociais, junto com seu cruzamento com linhas de cor e categorias sociais. Nota a autora, por exemplo, que a maior parte das informações fixadas como características da mulher brasileira provinha de uma observação que tornava todas as brancas como ricas e todas as negras como escravas, eludindo assim a numerosa camada social de mulheres livres pobres, composta por brancas, mulatas, negras e caboclas.

Além disso, como demonstra Miriam Moreira Leite no capítulo 'Grupos de Convívio no Rio de Janeiro (século XIX)', grande parte dos viajantes, homens ou mulheres, apresenta muitas observações acrílicas ou errôneas a respeito da vida cotidiana das famílias brasileiras. A autora ressalta, por exemplo que subsiste nessa literatura a extrema dificuldade por parte dos autores de diagnosticar os brasileiros no conjunto da população. Assim, nas primeiras décadas do século XIX, na categoria de brasileiros estão inclusive mulatos, crioulos e até ciganos. Já na segunda metade do século, brasileiros podem ser os brancos que falam português. Mas uma vez, os negros são sempre identificados com os escravos e considerados de categoria social inferior à dos brancos, mesmo no exercício da prostituição.

Da mesma forma, a autora chama atenção para o fato de que na grande maioria dos livros de viagem, tanto de homens quanto de mulheres, aparecem repetidas afirmações sobre a re-

clusão, a indolência e a preguiça da mulher branca de classe alta. A realidade da escravidão e da degradação social do trabalho manual, e o caráter 'desclassificado' do mundo da rua, no qual a mulher só podia circular livremente se fosse pobre (livre ou escrava), foram fatos sociais que, embora conhecidos por todos os viajantes, parecem ter sido pouco considerados no julgamento da vida da mulher, o que contribuiu para a fixação de preconceitos sobre as mulheres brancas das camadas proprietárias. São constantes as afirmações relativas ao total ócio da mulher branca, carecendo os viajantes, quase todos, da capacidade de penetrar na vida das famílias brancas do século XIX, nas quais a dona de casa, senhora de escravos e escravas, desempenhava papel fundamental na organização dos complexos e penosos trabalhos domésticos, voltados para reprodução do grupo familiar e complementação da renda. A constatação de tais equívocos e a recuperação de uma realidade mais complexa a respeito da vida das mulheres brancas, pretensamente reclusas e ociosas², é reafirmada por Miriam Moreira Leite.

Nesse universo de mal-entendidos, a autora chama atenção para as observações argutas de Mme. Adèle Toussaint-Samson que em sua passagem pelo Rio de Janeiro, em 1843, percebeu a falha diária das senhoras de escravos, registrando-a em *Viagem de uma parizense ao Brasil: estudo e crítica dos costumes brasileiros*. O texto não deixa dúvida sobre o caráter economicamente ativo da mulher das camadas proprietárias, que desempenhava toda uma gama de afazeres, embora sempre na intimidade do lar, fora do alcance das vistas do público, frente ao qual convinha manter a pose de ociosidade:

A brasileira (...) põe o maior empeço em não ser vista nunca em ocupação qualquer. Entretanto quem for admitido à intimidade, achá-la-á pela manhã de tamancos, sem meias, com um penteador de coça por vestido, presidindo a fabricação de doces, cocadas, arumando-os em tabuletas de pretos e pretas (...). Logo que estes saem, as senhoras dão tarefas às mulatas (...). Fazem ainda lenços e guardanapos de ponto civo, que mandam também a vender.

Miriam Moreira Leite chama a atenção para muitos outros equívocos e preconceitos dos/ os viajantes que, deslocando costumes e mazelas sociais observados no meio social visitado, supunham-nos apanágio de uma sociedade dos trópicos, frutos do atraso e da aversão dos coloniais aos costumes civilizados dos europeus; elas/es não

percebiam, porém, que muitos dos hábitos e costumes considerados bárbaros e incivilizados no meio social visitado eram comuns à sua sociedade de origem. As/os viajantes europeus fizeram, por exemplo, constantes alusões ao costume atrasado do casamento arranjado vigente nas famílias brasileiras de alta classe, fechando os olhos para a raridade do casamento por amor na Europa da primeira metade do século XIX.

Porém, um dos equívocos mais importantes, apontado e desfeito por Miriam Moreira Leite, aparece no capítulo 'O óbvio e o contraditório da roda dos expostos'. A autora analisa os escritos de diferentes viajantes que, ao visitarem o Rio de Janeiro, se detiveram sobre a roda dos expostos e a realidade social do abandono, a alta mortalidade e a doação de crianças. Aqui, a autora chama atenção para as dificuldades inerentes ao cuidado com as crianças no século XIX, obviamente intensificadas pela realidade da escravidão. No entanto, sublinha-se também o cuidado que o leitor desses temas deve tomar para evitar uma perspectiva anacrônica quando se considera um tema tão delicado à sensibilidade atual. Miriam Moreira Leite demonstra que a questão do abandono infantil aparece reiteradamente vinculado à imoralidade e à insensibilidade de uma sociedade avessa à civilização. No entanto ela demonstra que países como a França, a Itália e a Bélgica, dos quais provinham muitos dos viajantes escandalizados com a realidade brasileira, apresentavam condições sanitárias e sociais similares à nossas.

Estas e outras constatações, que Miriam Moreira Leite apresenta por meio de uma análise sistemática da literatura de viagem a respeito do Brasil no século XIX, tomam seu livro um importante instrumento de trabalho para todos os interessados numa leitura crítica da literatura de viagem e para sua utilização como fonte da história social das mulheres e da família.

¹ Neste capítulo a autora se vale dos dados coligidos em *A Mulher no Rio de Janeiro: um índice de referências em livros estrangeiros*, de 1982, e *A Condição Feminina no Século XIX no Rio de Janeiro: Antologia de textos de viajantes estrangeiros*, de 1984.

² Como fez Maria Odília Leite da Silva Dias, em *Quilicano e Poder em São Paulo do século XIX*, de 1984.